

## **AS VOZES METAPOÉTICAS QUE SE REINVENTAM EM *A ROSA DO POVO***

Diogo dos Santos SOUZA  
Universidade Federal de Alagoas

A ideia da “invenção” de Drummond, proposta por Dalvi (2010), aponta para os variados caminhos de leitura em que se institui uma concepção unificadora e monolítica da obra poética drummondiana, fato que tem como consequência a cristalização da leitura literária. Partindo dessa discussão, o presente trabalho propõe um olhar para o livro *A rosa do povo*, considerando o ato da leitura de metapoemas como um processo de reinvenção, a qual a voz lírica metalinguística estabelece interfaces, em especial, com o contexto histórico, reconfigurando-se através de seus próprios versos, quebrando no leitor o “horizonte de expectativas” instaurado e redimensionado a experiência de contato entre texto e leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A rosa do povo*. Metapoesia. Reinvenção.

## 1. INTRODUÇÃO

*A rosa do povo* é um dos livros mais citados e estudados pela fortuna crítica de Carlos Drummond de Andrade. A crítica literária especializada na poesia drummondiana, em geral, aponta caminhos em que a leitura da obra citada é guiada, principalmente, pela análise de elementos históricos e sociais na construção poética. Nossa proposta, então, condiz em ler esses elementos entrecruzados com a reflexão metalinguística, que incorpora as veias temáticas da história e da crítica social, entre outras, para construir o seu discurso.

A ideia de pensar uma voz lírica que se reinventa na poética drummondiana surgiu da leitura da tese “Drummond, a crítica e a escola: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático”, de Maria Amélia Dalvi (2010). A autora, nesse trabalho, aponta como o livro didático constrói a leitura da poesia drummondiana sob uma espécie de figura autoral. Assim, a pesquisadora critica o modo o livro didático estanca e cristaliza o trabalho com a poesia em fases que se encerram cronologicamente, não correspondendo, portanto, a multiplicidade das vozes líricas drummondianas. Por vezes, esse tipo de abordagem não corresponde com a complexidade da poética de Drummond, atribuindo características equivocadas sobre a sua produção, em especial, a noção de individualismo.

Nesse caminho, formou-se a hipótese de que provavelmente “há um Drummond que é apresentado aos alunos do ensino médio pelo livro didático de língua portuguesa e literatura que nem sempre coincide com o Drummond da historiografia e menos ainda da crítica literária” (DALVI, 2010, p. 21). Um Drummond, então, inventado, que, do ponto de vista das reflexões sobre a formação do leitor, pode afastar o contato do leitor com a experiência da leitura literária. Nesse contexto, a proposta de Dalvi (2010) nos deu uma pista de leitura para refletir como as vozes metapoéticas do livro *A rosa do povo* se reinventam, sugerindo pensar as veias metalinguísticas incorporadas a outros temas, fora do eixo de análise da poesia que versa apenas sobre a poesia.

Um risco na leitura da poesia de drummondiana é a categorização de seus poemas em fases, num caminho em que a leitura de um texto não encontra a leitura de outro texto. A preferência de análise tópica pode colocar o olhar do leitor numa visão datada e determinada, num círculo em que uma face de Drummond não incide em outra face. Na contramão dessa perspectiva, pretendemos ler dois poemas (“Anúncio da rosa” e “Áporo”) como textos que apresentam ao leitor um Drummond *partido*, constituído de vozes líricas que mascaram e

desmascaram as faces de sua poesia. A recorrência da imagem da rosa-flor é um exemplo de como as vozes poéticas de *A rosa do povo* partem os “horizontes de expectativas de leitura”, ressemantizando esse signo num processo de montagem e desmontagem do conjunto de sentidos que se soltam do caule da rosa.

## 2. LEITURAS METAPOÉTICAS

A imagem da flor no livro *A rosa do povo* é construída em diversas passagens dos versos drummondianos sob olhares distintos. Em “A flor e náusea”<sup>1</sup>, por exemplo, o símbolo da flor pode ser lido como metáfora da palavra poética que nasce na aridez de uma atmosfera histórica que asfixia a expressão lírica. Como signo de esperança, tendo em vista a sua força em romper o asfalto, a flor é contemplada como um objeto que sinaliza uma possível chegada de um novo tempo, posto que fura “o tédio, o nojo e o ódio”. Nesse caminho, aproximamo-nos da ideia de “reinvenção” a qual propomos investigar, de modo breve, ao entrecruzarmos a leitura do poema mencionado à leitura de “Anúncio da rosa”. Neste poema, há uma espécie de sequência episódica à metáfora da palavra enquanto flor. A rosa que é anunciada dá pistas ao leitor para pensar que agora, a poesia, depois de escrita, enfrenta outra situação que nos faz refletir as propriedades de seu próprio discurso:

Imenso trabalho nos custa a flor.  
Por menos de oito contos vendê-la? Nunca.  
Primavera não há mais doce, rosa tão meiga  
onde abrirá? Não, cavalheiros, sede permeáveis.

(ANDRADE, 2001, p. 78)

A flor, logo no verso inicial, é vista como produto de um trabalho custoso e coletivo. A voz lírica chama atenção através do pronome pessoal “nos” que a construção literária não é um exercício solitário de reflexão: a escrita poética se faz (e se desfaz) através do olhar do outro e dos efeitos do olhar de quem nos olha também. Ou seja, o espaço literário se caracteriza numa estrutura caleidoscópica, em que imagens se refletem e se refratam, entrando em *caminhos que se bifurcam*, nas palavras de Jorge Luis Borges. O sujeito lírico recusa a venda da flor pelo preço baixo, problematizando, assim, a relação entre literatura e mercado.

---

<sup>1</sup> Uma flor nasceu na rua!/Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego./Uma flor ainda desbotada/ilude a polícia, rompe o asfalto./Façam completo silêncio, paralisem os negócios,/garanto que uma flor nasceu. Sua cor não se percebe./Suas pétalas não se abrem./Seu nome não está nos livros./É feia. Mas é realmente uma flor./Sento-me no chão do capital do país às cinco horas da tarde/e lentamente passo a mão nessa forma insegura./Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se./Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico/ É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. (Andrade, 2001, p. 16-17)

Até que ponto o texto literário precisa do mercado para consolidar seu espaço na sociedade? A indecisão de não saber onde a flor será vendida faz com que o eu lírico se pergunte onde a rosa abrirá. Assim, a voz metapoética remonta o signo da rosa, revestindo-a de características que a colocam como objeto rentável.

Numa perspectiva em diálogo com a “A flor e a náusea”, a palavra, aqui, precisa ser vendida para poder “abrir”, para poder conquistar o seu local. A circulação do texto literário não depende apenas de sua escrita, pois está entrelaçada com as questões econômicas que envolvem a compra do objeto artístico. Tal fato aponta também para a consideração das variadas formas de existência da literatura, posto que a rosa só se abrirá quando os cavalheiros forem “permeáveis”, ao admitirem que o texto literário passe pelos seus poros. Logo, quanto mais complexa a relação entre produção e circulação da poesia, menos serão as pétalas que se abrirão na configuração nesse contexto entre sujeito lírico e mundo mercadológico:

Uma só pétala resume auroras e pontilhíssimos,  
sugere estâncias, diz que te amam, beijai a rosa,  
ela é sete flores, qual mais fragrante, todas exóticas,  
todas históricas, todas catárticas, todas patéticas.  
Vede o caule,  
traço indeciso.

(ANDRADE, 2001, p. 78)

O caráter múltiplo da significação literária é expresso na segunda estrofe ao lermos que uma pétala pode sintetizar “auroras”, palavra que sugere novos ângulos para ver as formas do caule que se forma, ainda que indeciso. A ideia de renascimento da flor, que se renova todas as manhãs, nos permite pensar que uma só pétala pode encontrar o reverdecer da palavra que convida o leitor a beijá-la, a sentir a fragrância que possui como fonte as *sete faces* que agora são flores. A rosa, então, se constitui nesse processo de revestimento de faces variadas, reinventando-se como um “traço indeciso”, não permitindo, dessa forma, que o leitor chegue a um denominador comum sobre as suas possíveis acepções. Compreendendo a imagem da flor relacionada ao símbolo da palavra, vemos que o texto metapoético é flor de sete faces, de corpo que não mantém uma raiz fixa, ramificando-se, nesse caso, na atmosfera do “vasto mundo” de *Alguma poesia*. Nesses versos drummondianos, as máscaras das vozes líricas se mostram e ao mesmo tempo se escondem:

Autor da rosa, não me revelo, sou eu, quem sou?  
Deus me ajudará, mas ele é neutro, e mesmo duvido

que em outro mundo alguém se curve, filtre a paisagem,  
pense uma rosa na pura ausência, no amplo vazio.

Vinde, vinde,  
olhai o cálice.

(ANDRADE, 2001, p. 78-79)

O eu lírico nomeia-se como “autor da rosa”, assinando como sua a composição da flor, porém, ele não se revela e deixa no âmbito das indagações a sua identidade, que é uma interrogação para si próprio. Esse verso pode ser interpretado como uma alusão à projeção poética de *A rosa do povo*, em que as vozes líricas do livro transitam entre variados espaços, num processo de construção e reconstrução de sentido que se desmonta e se refaz. Portanto, por esse prisma, é possível associarmos essa leitura à ideia de jogo proposta por Wolfgang Iser (1999, p. 107), em que o autor afirma que o efeito do jogo entre o texto e o leitor pode transformar aquilo que se transgride em algo diferente de si mesmo. Aqui, a transgressão da imagem da rosa nos leva a pensá-la sob perspectivas distintas, que diferem entre si.

Dessa maneira, a rosa se coloca na *pura ausência*, em estado inconstante, de enigma para seu “autor”, que não se permite classificar num eixo fixo de leitura: ora está na esteira metapoética, filtrando elementos extratextuais para mascarar e descortinar o dizer literário, ora está no contexto mercadológico do cotidiano moderno:

Por preço tão vil mas peça, como te direi, aurilavrada,  
não, é cruel existir em tempo assim filaucioso.  
Injusto padecer exílio, pequenas cólicas cotidianas,  
oferecei-vos alta mercadoria estelar e sofrer vossa irrisão.

Rosa na roda,  
rosa na máquina,  
apenas rósea.

Selarei, venda murcha, meu comércio incompreendido,  
pois jamais virão pedir-me, eu sei, o que melhor se compôs  
[na noite,  
e não há oito contos. Já não vejo amadores de rosa.  
Ó fim do parnasiano, começo da era difícil, a burguesia  
[apodrece.  
Aproveitem. A última  
rosa desfolha-se.

(ANDRADE, 2001, p. 79)

Em tempos jactanciosos, como suscita os versos que introduzem a estrofe acima, o

meio social ostenta os valores da venda dos produtos que sustentam as veias capitalistas que movem os rumos das mudanças urbanas da metade do século XX. Por isso, essa é uma época cruel de existência para a poesia, pois ela precisa ser inserida na “roda”, “na máquina”, nos suportes rentáveis que, no seio citadino, tornam-se indispensáveis para o estabelecimento da vida burguesa. Nessa atmosfera, o sujeito lírico reputa seu “comércio incompreendido”, já que a composição literária considerada de melhor qualidade, feita nos sopros noturnos, não chega ao povo. A demanda do mercado não se faz de “amadores de rosa” e sim dos interesses que sustentam o funcionamento econômico social: o que é mais relevante é aquilo que se têm mais possibilidades de vender e não o que é, especificamente, peça literariamente aurilavrada para o leitor.

Os versos finais do poema manifestam um tom de crítica ao fim do movimento literário parnasiano, caracteristicamente conhecido pelos estudos literários como momento em que o ideal estético assume uma postura antirromântica. Essa observação pode justificar a atitude da voz lírica que coloca o texto literário como objeto no circuito de compra e venda, distanciando-se da esfera romântica que eleva a aura de subjetividade da literatura a ponto de esta aparentar ser produto apenas de contemplação e não uma matéria que se transforma em lucro. Se considerarmos que no texto poético analisado a metáfora do fazer literário se mantém como em “A flor e a náusea”, mesmo que com outro enfoque, a ideia de sua venda está sugerida desde o título. A palavra “anúncio”, nesse contexto, remete ao fato de publicar uma notícia a fim de convocar os prováveis compradores do objeto que está posto à venda, a rosa. No último verso, pode-se ler a exploração da dimensão denotativa do signo da rosa: ao perder as suas folhas, representa a força poética parnasiana que chega ao seu fim, acompanhada pelo declínio da burguesia.

Num movimento de retorno à atmosfera de “A flor e a náusea”, em que a flor estava submersa ao asfalto, buscando, através do escape, o seu nascimento, “Áporo” traduz hermeticamente os ecos de uma voz metapoética que se reinventa ao se metamorfosear num inseto. O título do poema, de origem grega, revela um jogo de palavra constante, pois, de acordo com Pereira (2009, p. 92), pode-se conceber três possíveis conceitos: a) um inseto; b) uma situação de difícil saída; c) uma orquídea. Todos os três sentidos listados são contemplados no poema. Porém, a nosso ver, o primeiro obtém destaque:

Um inseto cava  
cava sem alarme  
perfurando a terra  
sem achar escape.

(ANDRADE, 2001, p. 56)

O fazer poético e a busca por ele, empreendida por Carlos Drummond em *A rosa do povo*, são os principais elementos que constituem o clima de autorreflexividade literária dos metapoemas presentes no livro, fato que permite interpretar o inseto como uma metáfora para o poeta. Entomologicamente, essa espécie do universo animal tem como característica dispor tipicamente de um par de olhos compostos, além de suas antenas. Tal como um inseto, o escritor possui uma visão composta, que ultrapassa as fronteiras mais comuns de observação do real, sendo, nas palavras de Ezra Pound, “as antenas da raça”, tendo capacidade aguçada de perceber o que se passa. Em cada estrofe do texto o leitor acompanha esse processo de criação poética, que, uma vez iniciado, não há como interrompê-lo ou fugir dele, é um exercício “sem escape”:

Que fazer, exausto,  
em país bloqueado,  
enlace de noite  
raiz e minério?

Eis que o labirinto  
(oh razão, mistério)  
presto se desata:

(ANDRADE, 2001, p. 56)

Conforme Said (2005), existe no poema uma barreira lançada ao leitor que, diante da estranheza e da complexidade dos signos no poema, descobre-se de certo modo impossibilitado de interpretá-lo diretamente. É preciso, assim, dentro da esteira de pensamento em que se considera que a voz lírica do poema, no contexto metapoético, se reinventa, olhar para a presença de um intertexto do quarteto acima com o poema “No meio do caminho”: “Nunca me esquecerei desse acontecimento/na vida de minhas retinas tão fatigadas” (ANDRADE, 2003, p. 17). O signo da pedra como obstáculo, como desgaste contínuo de um indivíduo em rito de passagem<sup>2</sup>, se entrelaça à “raiz e minério” que imprime a exaustão e configura o espaço labiríntico da voz lírica que “se desata”.

Mesmo tendo um desdobramento de reflexão metapoética, o texto abre espaço para uma reflexão social, tornando-o ambivalente. Como exemplo, o verso “presto se desata” pode

---

<sup>2</sup> Em “A flor e a náusea”, há uma espécie de narração sobre o nascimento da poesia, enquanto em “Anúncio da rosa”, o texto literário é anunciado como um produto de venda. Ao chegarmos em “Áporo”, entramos num terreno em que a palavra está em estado de transformação, buscando uma fuga ao se transmutar em orquídea.

ser interpretado como uma alusão ao líder comunista Luís Carlos Prestes, que havia sido libertado na mesma época de produção do texto das prisões da ditadura getulista, da qual o país saía no ano de 1945. Dessa forma, o poema se relaciona com a vertente metapoética, ao traçar o caminho do inseto que se metamorfoseia em orquídea, na flor-palavra, ao passo que insere nesse processo as veias do contexto histórico.

A afirmação acima confirma o caráter engajado de *A rosa do povo*, no sentido de preceituar a presença dos elementos políticos na poesia. Nessa trilha, “país bloqueado” pode representar o estabelecimento do cerco contra o partido comunista, impedindo a circulação de sua ideologia, anulando a liberdade de expressão. E por que não também pensar na liberdade de expressão literária? A situação asfixiante estabelecida com o *enlace de noite* apresenta a raiz e o minério como os elementos constitutivos da realidade subterrânea, sugerindo escuridão e improbabilidade de escape - ou de direito à expressão artística. Numa outra leitura, “raiz”, linguisticamente, significa o elemento que forma a base da palavra. Nesse caso, é a base do texto literário. Assim, o eu lírico antecipa a última estrofe, indicando ao leitor que o tema em questão é a formação da poesia:

em verde, sozinha,  
antieuclidiana,  
uma orquídea forma-se.

(ANDRADE, 2001, p. 57)

O termo “antieuclidiana” diz respeito a Euclides, matemático e geômetra grego. A imagem do labirinto e sua posterior solução pelo *inseto-orquídea* podem dar essa ideia de coisa antieuclidiana, algo desconexo. Segundo essa linha de pensamento, o pensador diz que cada teorema é explicável pelo teorema anterior, num ajuntamento de teses desconexas. O sujeito lírico encara o olhar sobre o mundo contra os princípios que um dia explicaram-no: antieuclidianamente. Se pensarmos esse sistema em *A rosa do povo*, é possível ver uma equivalência na tese matemática com a proposta poética da coletânea de Drummond. Nessa obra, a partir do título, discorre-se sobre a metáfora da literatura como flor, tema desenvolvido ao longo do livro, atingindo um de seus ápices em “Áporo”. Ainda nessa discussão, é válido destacar que:

“Áporo” é, como observado, uma reunião de dificuldades que, repentinamente, de modo não explicado (“oh razão, mistério”), encontram a sua resolução, a sua brecha de luz e liberdade. Entre um momento e outro, algo no poema se faz. Algo atropela o mundo parado das imagens



recorrentes, do espaço estagnado e claustrofóbico, dando origem a um fato, um acontecimento. Esse momento, vértice de peripécia, parece ser a mola mestra do poema. Narra-se ali, de maneira concisa, o instante crucial de um acontecimento, o nó, subitamente desfeito de uma transformação. (BISCHOF, 2005, p. 66)

A reunião de dificuldades apontada acima parece se reinventar quando comparamos o momento da formação da flor em “Áporo” com o nascimento dela em “A flor e a náusea”. Nos versos finais deste poema, o ato de furar o asfalto faz com que se gere um gesto de interrupção do cotidiano urbano para observar a flor que brotou na rua. Já em “Áporo”, a orquídea se forma sozinha, “em verde”, no silêncio da noite. Assim, a narração de ambos os acontecimentos dão contornos diferentes a construção da metáfora da flor, que ora soa como um grito de liberdade no seio de seu nascedouro, ora transforma-se num instrumento que carrega uma marca de eterna busca pela mudança e recomeço. Assim, é possível pensar na quarta tese de Jauss (1994, p. 35) quando o autor pensa na “reconstrução do horizonte de expectativa de uma obra”. No processo de leitura e releitura do texto, o leitor encontra questões as quais descortinam o que foi previamente refletido, entrando em novos vieses de observação sobre o texto literário. Nesse caso, possivelmente, podemos notar a “quebra de horizonte de expectativas” nos poemas citados ao olharmos como as suas vozes metapoéticas redimensionam e recontextualizam a imagem da flor como a palavra literária.

Também é importante comentar que a cor verde é geralmente apontada, pela cultura popular, como um signo da esperança, esperança essa que dissolve o labirinto para permitir o nascimento de uma orquídea antieuclediana. “Áporo” é, portanto, um grande apanhado da poética do autor *gauche* até o momento: a poesia (e o poeta) tentando achar um caminho de escape, culminando numa frágil (e solitária) esperança, figurada na orquídea que se forma no solo duro ou no inseto que consegue perfurar o solo labiríntico, achando a solução para a equação de sua realização. Ao sair da terra – o problema -, mineral como a pedra drummondiana sempre presente, faz-se vida na forma inseto/solução, que permite o eterno recomeço da luta (COSTA, 2006, p. 103). A metamorfose que indica o caráter incomum dessa flor antigeométrica aponta para o desabrochar da palavra, objeto de luta, que apresenta o cruzamento de três áreas temáticas: a existência, a sociedade e a própria poesia.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Visto pela crítica literária como o livro de Carlos Drummond que possui como uma de suas principais características a vasta amplitude temática, os dois metapoemas de *A rosa do*

*povo* aqui analisados foram lidos como textos que podem ser pensados pelo viés das vozes líricas que se reinventam. Nesse sentido, podemos afirmar que há elementos das leituras realizadas que se destacam ao jogar com o olhar do leitor, ao colocá-lo num terreno de incertezas sobre a construção de determinados signos, como, por exemplo, a imagem da flor.

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho consistiu em analisar “Anúncio da rosa” e “Áporo”, nosso eixo de leitura correspondeu a fazer travessias no olhar metapoético, compreendendo a autorreflexão literária como um discurso que proporciona novos ângulos de visão para se pensar o fazer metalinguístico. Dessa forma, evidenciou-se como a metapoesia (ora apenas sugerida, ora expressa diretamente ao leitor pelo olhar do eu lírico) pode suscitar caminhos de leitura que indiquem como a autorreflexividade poética se apropria do mundo extratextual, convidando o leitor a compartilhar esse jogo de relações.

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Carlos Drummond. **A rosa do povo**. Record: Rio de Janeiro, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. **Poesia completa**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2003.

BISCHOF, Betina. **Razão da recusa. Um estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade**. Nankin: São Paulo, 2005.

BORGES, Jorge Luis. O jardim de veredas que se bifurcam. Tradução de Carlos Nejar. In: \_\_\_\_ **Ficções**. São Paulo: Globo, 2001. p. 101-114.

COSTA, Eduardo Alexandre da Silva. **Alumbramento e luta: um estudo da metapoesia em Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade**. 2006. . Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco.

DALVI, Maria Amélia. DALVI, Maria Amélia. **Drummond, a crítica e a escola: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático do ensino médio**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo.

GLEDSON, Jhon. **Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade**. Duas Cidades: São Paulo, 1981.

ISER, Wolfgang. O jogo. Tradução de Bluma Waddington Vilar. ROCHA, João Cezar (org.) In: \_\_\_\_ **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rio de Janeiro: Eduerj: 1999. p. 105-115.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley. **O homem moderno na poesia de Álvaro de Campos e Carlos Drummond de Andrade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco.

POUND, Ezra. **abc da Literatura**. 14 ed. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2002.